CAROLINE: Depoimento gravado no dia 17 de Julho de 2017, por Caroline Cunha Rodrigues e Fernanda Nalon Sanglard, na Cidade Administrativa, em Belo Horizonte, por telefone, com André Montalvão.

FERNANDA: André, o senhor podia então se apresentar, falar o seu nome completo, a sua profissão, onde que o senhor nasceu?

ANDRÉ: Então, meu nome completo é André Montalvão da Silva, eu nasci em Muzambinho, no Bairro Guatapará, que é onde eu resido hoje. A minha vida inteira eu fui agricultor familiar, continuo sendo até hoje. Só me afastei da área rural em função de ter me tornado sindicalista. Em 1971, eu fundei o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Muzambinho. Meu próximo passo foi a FETAEMG, onde nós fomos eleitos, eu, meus companheiros de Minas Gerais, em 1975.

FERNANDA: Uhum, e qual que era o cargo que o senhor assumiu primeiro?

ANDRÉ: Então, no caso, eu concorri à presidência da Federação. Porém, o estatuto da entidade, na época, ele permitia que a diretoria eleita se reunisse e escolhesse entre os seus membros o presidente. Como na época a diretoria era de 6, eu me sentia na época com muita pouca experiência para assumir a FETAEMG, eu tinha 31 anos de idade, e o presidente que tava saindo tinha mais de 60. E, no entanto, tinha um senhor com nome de João Batista, que era de Ouro Fino, o João Batista, na diretoria que nós (trecho incompreensível), ele ocupava o cargo de tesoureiro, porque ele tinha substituído o Coronel Alberto, Alberto Moura, que tinha adoecido, e como ele era o primeiro suplente, ele assumiu. No caso, ele foi o... Por que que ele participou da diretoria, dessa diretoria vitoriosa junto comigo? Porque ele foi delator da, da outra, da diretoria que ele participava, ele nos passou todas as informação.

CAROLINE: Ah, eu...

ANDRÉ: Hum?

CAROLINE: E quais informações que esse coronel passou?

ANDRÉ: Não, quem passou as informação foi o João Batista.

CAROLINE: O João Batista, diga.

ANDRÉ: Isso, as informação de corrupção que havia dentro da FETAEMG.

CAROLINE: Ah, tá.

ANDRÉ: Porque a história, a história da corrupção era, tudo que nós tamo vendo hoje, ela continua, porque em 1975, quando nós estávamos na FETAEMG, a corrupção tava comendo solta lá, antes de nós chegar. Por quê? Porque a nossa chapa, ela foi vitoriosa, porque a nossa proposta foi de fazer uma limpeza e combater a corrupção que tinha lá dentro.

CAROLINE: E...

ANDRÉ: O João Batista, ele era o primeiro suplente, o Roberto é que era o tesoureiro, esse coronel, entendeu?

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: O coronel saiu de licença para tratamento de saúde e o João Batista assumiu a tesouraria. Aí, no caso, ele uniu com a gente que era da oposição e passou as informação das corrupção que tava acontecendo lá dentro. Aí no caso nós fomo vitorioso, e por ele ser uma pessoa mais experiente e a gente confiava nele na época nós pegamos e coloco ele na reunião de diretoria para ser um presidente e eu assumi a tesouraria.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Entendeu?

FERNANDA: Esse Coronel Alberto Moura que o senhor falou, ele era coronel da PM?

ANDRÉ: Da PM.

FERNANDA: Tá, e ele fazia parte do movimento porque ele também era trabalhador rural, qual que era o vínculo que ele tinha com o movimento?

ANDRÉ: A informação que eu tive, que lá no Vale do Jequitinhonha ele conseguiu o registro de uma carteira de trabalho para poder concorrer as eleição na FETAEMG. Quer dizer, eu não sei mais além disso da vida dele, nem do período que ele tava na ativa, nem quando ele se reformou e veio para a FETAEMG.

CAROLINE: Ah, sim. E sobre a situação da FETAEMG para além da corrupção, como que era essa gestão desse presidente?

ANDRÉ: Que saiu?

CAROLINE: É, que saiu, sobre a atuação em conflito de terra ou sobre a relação com os outros órgãos, com órgãos de segurança, como que era a FETAEMG nessa conjuntura?

ANDRÉ: Então, a FETAEMG até então, ela não tinha nenhuma proposta de defesa dos trabalhadores, ela não tinha um programa de defesa. Ela, a Federação, ela era uma entidade assumida convictamente controlada pelos políticos na época, do Estado, governador de Estado, deputados, e era mais em função disso, e ela tinha convênios com o Estado, tinha uma sessenta, senhora que era professora do Estado, que era conveniada e tava dentro da FETAEMG, só para receber salário. Na verdade, assim, não havia uma programação, a não ser assistência médica através do Funrural, porque o Funrural foi criado em 1971, e foi criado exatamente para dar um “cala a boca” na proposta da luta dos trabalhadores pela terra e pela reforma agrária, e aí, no caso, o sindicato e a Federação, a única proposta que eles tinham (trecho incompreensível) ao

sindicato era levar para os municípios assistência médica através de ambulatórios médicos e gabinetes dentários para cuidar da parte dentária dos trabalhadores. Porque naquela época, a maioria dos municípios pequenos de Minas Gerais não tinha um médico residente, não tinha um dentista. Então aí foi através do sindicato, que eles começaram... Assim, então a única proposta que a Federação tinha era essa, ela não tinha nenhuma proposta na defesa da agricultura familiar, não tinha uma proposta de organização dos trabalhadores assalariados, não tinha uma proposta de organização dos trabalhadores para lutar pela reforma agraria. A coisa era tão feia que a FETAEMG tinha uma fazenda no município, no distrito de Divisópolis, que na época pertencia a Almenara. Hoje, esse distrito, ele se transformou em município.

FERNANDA: Como é que é o nome?

ANDRÉ: Hein?

FERNANDA: Como é que é o nome?

ANDRÉ: Divisópolis.

FERNANDA: Divisópolis, uhum.

ANDRÉ: Ficou claro?

CAROLINE: Entendi. Montalvão, em relação, nessa época, com órgãos de segurança, seja com DOPS ou Secretaria de Segurança, ou Secretaria do Trabalho, Ministério do Trabalho, como que era a relação da FETAEMG?

ANDRÉ: Na época... Na época era assim, de paixão e amor, quer dizer, era tudo tranquilo, não pronunciava na defesa dos trabalhadores e era tudo controlado e tudo certinho junto com o Ministério do Trabalho, inclusive delatava. Até os presidente do sindicato, se algum tentava fazer algum movimento em favor da organização dos trabalhadores, a própria direção da FETAEMG delatava os presidentes do sindicato. Como o sindicato era tudo controlado, né, pelo Ministério do Trabalho...

CAROLINE: E como que era esse tipo de controle do Ministério do Trabalho, o senhor poderia falar mais sobre a interferência do Ministério do Trabalho?

ANDRÉ: A interferência é que tudo que você fazia, cê tinha que prestar conta ao Ministério do Trabalho, quer dizer, você não podia... Qualquer atitude que cê tomasse e, por exemplo, cê não podia fazer uma reunião de intersindical, porque era proibido, a Ditadura tava em cima, e cê só podia reunir a categoria, né, cê não podia fazer movimento reunindo categoria diferente. Aí, tudo que cê ia fazer cê tinha que tomar a benção do Ministério do Trabalho.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Cê tinha que prestar contas para o Ministério do Trabalho. O Ministério do Trabalho, ele intervia nas entidades, ele intervia no movimento sindical de uma forma em geral.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Era assim, era assim que funcionava. Por exemplo, o fim dos anos 70, nessa época eu já tinha assumido a presidência, por que o que que aconteceu? Esse João Batista, que eu citei para você no início da entrevista, ele, ele delatou a corrupção que tinha na FETAEMG, mas quando ele assumiu a presidência a primeira coisa que ele fez foi juntar com duas senhoras lá dentro, que elas eram advogadas, e começou a praticar corrupção, e apoiado pelo Ministério do Trabalho.

CAROLINE: Ah, entendi.

ANDRÉ: Aí, foi uma luta enorme nossa para poder cassar ele. nós cassamos ele no fim dos anos 70, mas para que isso acontecesse nós tivemos que ter autorização do ministro do trabalho para realizar assembleia.

CAROLINE: Ah, é?

ANDRÉ: Isso foi uma luta imensa.

FERNANDA: Isso foi quando?

ANDRÉ: E aí...

FERNANDA: Que foi esse pedido de autorização, foi no fim dos anos 70, o senhor lembra o ano?

ANDRÉ: Lembro, uai. Quer dizer, não foi bem no fim dos anos 70, foi no fim de 75.

FERNANDA: 75.

CAROLINE: Ah, tá.

ANDRÉ: Isso, no fim de 75.

CAROLINE: Então...

ANDRÉ: Foi nessa época, por exemplo, que eu sofri a maior pressão da minha vida, porque quando eu ia... Eu tinha que ir em Brasília quase que direto, na tentativa da gente liberar a realização da assembleia, e o pessoal do DOPS e (trecho incompreensível), que chamava COSEG também.

CAROLINE: Sim, a COSEG.

ANDRÉ: Então, e esse pessoal, eles sempre designava policiais disfarçados para ficar me acompanhando. Por exemplo, quando eu entrava no avião aqui na Pampulha, os cara entrava e já sentavam logo atrás de mim ali no avião, chegavam... Eu hospedava em um hotel em Brasília, eles hospedavam no hotel do lado.

FERNANDA: E você sabia que eles eram policiais na época ou não? Cê tomava conhecimento depois?

ANDRÉ: Eram policiais, né, só que disfarçava de civil, né.

FERNANDA: Uhum, entendi.

ANDRÉ: O último que me acompanhou, eu sei, eu lembro até o nome dele, chamava Tenente Júlio, lá da Polícia Militar.

FERNANDA: Tenente Júlio?

ANDRÉ: Ele era da Polícia Militar, mas ele era deslocado para trabalhar na delegacia do trabalho aí em Belo Horizonte, junto com o professor Onésimo Viana.

CAROLINE: Uhum, então havia...

ANDRÉ: Chamava Tenente Júlio.

FERNANDA: Uhum, então você era vigiado, todos os seus atos você era vigiado?

ANDRÉ: Era vigiado e acompanhado. E o Tenente Júlio, só que ali ele trabalhava como uma pessoa civil, cê olhava para ele assim, se você não soubesse quem que ele era, cê pensava que era uma pessoa comum, e era um tenente.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Sei, e o senhor pode detalhar mais sobre a sua atuação do DOPS e da COSEG de monitoramento do senhor? O senhor lembra de outras situações?

ANDRÉ: É, eu lembro sim, mas o que eu quero dizer para você é o seguinte, apesar de eles terem me perseguido durante mais ou menos uns, uns 6 anos, eles nunca, graças a Deus, eu nunca fui preso e eles nunca conseguiram me pegar. E a maior pressão que a gente sofreu foi porque a FETAEMG, para a gente poder fazer um movimento de combate à Ditadura na época, e a gente queria criar a Central Única dos Trabalhadores, e a gente não podia reunir, porque se a gente reunisse eles iam para cima, e nós da FETAEMG, através da minha liderança, nós, nós bancamos as intersindical dentro da FETAEMG.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Nós sofremos tudo quanto foi tipo de pressão, mas eu consegui resistir e banquei.

CAROLINE: Qual tipo de pressão que o senhor sofreu?

ANDRÉ: Uai, o delegado do trabalho ligando, mandando parar de fazer as reunião, ameaçando.

CAROLINE: O delegado do trabalho?

ANDRÉ: É. Que se não parasse de fazer as intersindical, eles iam intervir na FETAEMG, mandava policial de plantão para as reunião disfarçado, só que a gente conhecia todo mundo, a gente identificava.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: E foi assim que nós começamos o movimento para criar a Central Única dos Trabalhadores, aí a gente reunia na FETAEMG todas as categorias organizadas que estavam em Belo Horizonte, e até vinha de outros estados também para reunir com a gente.

CAROLINE: Então foi meio que um polo a FETAEMG para a organização da CUT aqui em Belo Horizonte, né?

ANDRÉ: Foi, e nacional também, né, porque eu fui da Comissão pró-CUT até no dia da fundação, aí e eu saí fora por causa de brigaiada, porque começou a brigar demais, que tinha um Joaquim (trecho incompreensível) lá em São Paulo, que era o maior pelego sindical do país, né, então foi muito difícil, aí eu...

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Nessa época eu saí da Comissão pró-CUT, e... Porque na época eu viajei o Brasil inteiro fazendo palestra para a gente poder encorajar a organização sindical a criar a Central.

CAROLINE: Entendi. Montalvão...

ANDRÉ: era eu e o Cesar Moreira, que foi prefeito de Belo Horizonte, né.

CAROLINE: Entendi. Montalvão, você poderia detalhar mais sobre a atuação do Onésimo Viana? Seja através de pressão, ameaças ou monitoramento? O senhor poderia contar mais?

ANDRÉ: Então, o Onésimo, é uma pessoa que o professor, ele foi colocado lá pela Ditadura, né, então ele tava lá a serviço do Ministério do Trabalho, e ele agia com mão de ferro com os sindicatos, porque ele agia sob a pressão do próprio Ministério, né. Eu até, depois que ele ficou mais velho e tudo, eu cheguei até a respeitá-lo, porque quando ele estava com mais de 60 anos ele entrou na faculdade e formou em Direito, depois de velho. Mas ele era um instrumento da Ditadura, entendeu?

CAROLINE: Uhum. E como que a Delegacia do Trabalho, além do Onésimo Viana, como era a interferência da Delegacia do Trabalho no movimento sindical?

ANDRÉ: Então, era da forma que eu tô te falando, era tudo controlado, qualquer movimento maior que o sindicado fizesse, de greve, de luta pela terra, era as ameaça constante de intervenção do sindicato... Era muito difícil, e intervia mesmo.

CAROLINE: Sim.

FERNANDA: E o senhor sabe de algum caso, nessa região que o senhor atuava aí, Muzambinho, no Sul de Minas, não é isso? Algum caso aí e em outras regiões também durante a sua gestão da

FETAEMG que vocês precisaram de intervir para atuar na defesa do trabalhador que estava, os sindicalistas que estavam sendo perseguidos, ameaçados de morte, ou algum caso de morte na sua época que o senhor se recorda?

ANDRÉ: Então, eu queria, eu queria colocar para vocês, inclusive tá aqui na minha cabeça, a maior pressão sofrida, e foi, assim, como é que a gente poderia dizer? O massacre de trabalhador aconteceu em Cachoeirinha.

CAROLINE: Cachoeirinha?

ANDRÉ: Cachoeirinha. Cachoeirinha é que era distrito de Janaúba, e eu acredito que hoje lá deve ter virado cidade também, porque faz muitos anos que eu não vou para o Norte de Minas.

CAROLINE: Sim, e o que aconteceu exatamente?

ANDRÉ: Então, deixa eu te explicar o que que aconteceu.

CAROLINE: Hum.

ANDRÉ: Eu não tava na FETAEMG ainda, e a FETAEMG também nem era criada, porque a FETAEMG foi criada em 78. Em 77, um coronel lá em Montes Claros, do nome Coronel Georgino, ele puxou da terra 260 famílias, 260 famílias de posseiros, certo? E nesse dia eles queimaram todas as casas dos posseiros, mataram posseiro, e ficou... Ficou alguns posseiro inclusive paraplégico. E o que que acontece? Esse pessoal foi expulso da terra, e lá em Cachoeirinha, o bispo de Montes Claros cedeu uma área para eles levantar os casebre, os barraco deles lá, e a igreja passou a dar proteção para essas famílias. Quando eu assumi a FETAEMG, aí eu busquei o resgate dessa história, e nós organizamos esses trabalhador e lutamos para retomar essas terras.

CAROLINE: E quando começou essa atuação da FETAEMG por Cachoeirinha, como que foi isso?

ANDRÉ: Isso foi porque pessoas ligadas aos trabalhadores vieram até a FETAEMG, contaram a história, e nós... Aí eu, naquela época eu já estava organizando a luta dos trabalhador pela terra em Minas Gerais, já tinha vários locais que a gente tinha luta, e aí nós fomos até Cachoeirinha, conhecemos a história verdadeira de lá e passamos a organizar os trabalhadores, passamos a lutar para retornar o trabalhador da terra que era dele, né...

CAROLINE: Sim, e quando ocorreu isso?

ANDRÉ: Hein?

CAROLINE: Quando ocorreu?

ANDRÉ: Quando que ocorreu isso?

CAROLINE: É, quando vocês começaram a atuar por Cachoeirinha?

ANDRÉ: Não, nós começamos a atuar, assim, Cachoeirinha, mais ou menos em 77.
CAROLINE: Ah, em 77?

ANDRÉ: 77. E nós conquistamos a terra de volta quando, eu não recordo o ano, mas foi quando Tancredo foi governador de Minas.
CAROLINE: Ah, sim. E essa atuação a partir de 77, cê tem mais detalhes sobre elas? Porque os posseiros de Cachoeirinha, a gente esteve lá no Norte de Minas, e eles ressaltam muito que na década de 70 eles não obtiveram uma ajuda externa, somente nos anos 80, para eles, que veio a ajuda através do Luiz Chaves.
ANDRÉ: Pois é, mas... E eles tiveram coragem pelo menos de falar de quem, para quem que Luiz Chaves trabalhava ou não?
CAROLINE: Sim, pela FETAEMG, mas eu gostaria que o senhor me explicasse um pouco sobre como em 77 a FETAEMG tentou ajuda-los?
ANDRÉ: Não, aí foi através da história, porque aí que começou, a gente começou a se organizar para poder ajudar, aí o que que nós fizemos? Nós criamos o polo de Montes Claros.
CAROLINE: Ah, sim.
ANDRÉ: Colocamos gente lá para trabalhar, o Luiz era do Rio Grande do Sul, nós trouxemos ele para Belo Horizonte, certo?
CAROLINE: Entendi. Ah! Agora eu entendi. A própria criação da regional em Norte de Minas veio pela demanda de Cachoeirinha, né?
ANDRÉ: Isso, aí nós conseguimos construir o nosso polo lá, não só o Luiz, aí tinha um advogado muito bom também que nós conseguimos pôr lá junto com o Luiz, chamava Afrânio.
CAROLINE: O Afrânio, certo.
ANDRÉ: Doutor Afrânio. Já ouviu falar dele?
CAROLINE: Sim, sim.
ANDRÉ: Então, aí foi através do Luís e do Afrânio, e da nossa coragem, que ninguém tinha coragem de enfrentar, não.
CAROLINE: Entendi.
ANDRÉ: Aí a diretoria da Federação, através de nós, nós colocamos a cara a tapa e enfrentamos.
FERNANDA: Quando que esse...
ANDRÉ: Aí fomos para cima, aí, eu tô falando para você, a coisa só foi deslanchar a partir de 80, porque foi na época do governo de Tancredo.

CAROLINE: Uhum, entendi. Então antes de 77, nenhum órgão, seja sindical, do governo, tentou ajudar os posseiros de Cachoeirinha?
ANDRÉ: Olha, eu não posso relatar muito...
CAROLINE: É que o senhor saiba.

ANDRÉ: É, porque eu também, eu, para ser sincero, eu só vim tomar conhecimento da existência do movimento sindical e da organização sindical, mesmo, a partir de 70. Antes, como eu vivia aqui na roça, naquela época cê não tinha energia, cê não tinha telefone, cê vivia assim, sobre a luz de lampião, então a gente não tinha informação nenhuma, nem rádio à pilha não tinha. Eu era uma pessoa, simplesmente um trabalhador rural, não tinha informação de nada. Então, assim, eu não tenho muita condição de relatar, então tô relatando para vocês que foi a partir de 77 que eu fui conhecer a história.
CAROLINE: Então, Montalvão, voltando à FETAEMG, você poderia falar mais sobre a questão de infiltrados, possíveis infiltrados na instituição?
ANDRÉ: Infiltrados como assim?
CAROLINE: Policiais ou agentes de segurança.
ANDRÉ: Não, isso era uma coisa que acontecia naturalmente, normalmente. Todas as vezes que a gente marcava qualquer reunião, que tinha movimento, tinha greve, a nossa, a primeira greve de trabalhador rural que nós conseguimos fazer em Minas Gerais foi em 1981, até então nunca os trabalhadores rurais de Minas, através do sindicato, tinha feito uma greve para reivindicar salário. Então todas as vezes que cê fazia qualquer reunião, qualquer movimento, esses agentes, eles estavam no meio infiltrados e, por exemplo, quando cê ia fazer uma reunião, na luta pela reforma agrária, para combater a violência, porque a violência comia solta em cima dos trabalhadores na época. Toda vez que cê ia fazer uma reunião, e isso era constante, a gente chegava lá para fazer a reunião e tinha mais polícia do que trabalhador. Era assim que funcionava.
FERNANDA: Aham.
CAROLINE: Entendi.
ANDRÉ: Porque a luta pela terra na época, quando nós assumimos para valer mesmo, ela foi muito difícil, e a gente fazia concentrações no Estado de Minas inteiro, com 5, 10 mil trabalhadores.
CAROLINE: Entendi. Mas em relação a funcionário, existia algum funcionário infiltrado na FETAEMG, que trabalhava na FETAEMG.

ANDRÉ: Ah, sim. Isso teve, uai, isso teve, sim. Nós tivemos, por exemplo, quando eu cheguei, tinha o Doutor Breiman, não é?

FERNANDA: Que era um médico?

ANDRÉ: Isso. É, que era um advogado, e, segundo a informação, eu nunca consegui apurar direito... Mas a informação que tinha, que ele tava a serviço desse departamento aí, que nós falamos, da COSEG, e a tática dele, sabe como que era? Era aproximar cada vez mais da gente. Então eu fui desconfiando dessa história porque o seguinte, quase que mensalmente ele queria me pegar eu com a minha esposa e levar para os melhor restaurante que tinha em Belo Horizonte para jantar, né, porque é assim que eles faziam, a tática deles na época era essa, era aproximar das pessoas. Então, assim, então o Doutor Breiman, a informação que eu tinha, que ele era. Aí nós chegamos à conclusão de despedi-lo e manda-lo embora.

CAROLINE: E o senhor tem conhecimento de outros, e aí o que que aconteceu?

ANDRÉ: E aí, nessa época aí, eu posso até (trecho incompreensível) uma coisa, o Onésimo me chamou para contestar, por causa de eu mandar ele embora, né.

CAROLINE: Ah, o próprio Onésimo Viana?

ANDRÉ: É. Eu falei: “Não, uai! Eu tô mandando porque quem é presidente da FETAEMG sou eu. Eu sou o presidente da FETAEMG. Enquanto eu tiver lá, quem administra a FETAEMG é os trabalhadores rurais”.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Eu falei: “Ele já tá mandado embora e acabou”.

CAROLINE: Uhum, e o senhor tem...

ANDRÉ: Foi a mesma, foi a mesma coisa quando eu chamei o João Dalício, que eles tinham cassado, ele me chamou lá também e falou para mim que eu não podia colocar o João Dalício na FETAEMG, ele falou: “Uai, mas quem contrata na FETAEMG não é senhor, quem contrata lá é a diretoria”.

CAROLINE: E porque não podia contratar o João Dalício de novo, segundo o Onésimo?

ANDRÉ: Por que que não podia?

CAROLINE: É.

ANDRÉ: Porque eles consideravam ele subversivo. Não falei com cê que ele chegou da Venezuela e eles cassaram ele?

CAROLINE: Ah, sim. Para fins de registro, o senhor poderia comentar mais sobre o que aconteceu com o João Dalicio, quem entrou, quem foi retirado?

ANDRÉ: Posso. O João Dalício eles mandaram... Tinha um congresso na Venezuela dos trabalhadores, e eles mandaram ele. Aí, ele chegou lá, fez o depoimento que ele tinha que fazer, correto, falando da situação difícil que os trabalhadores viviam aqui no Brasil, né, da perseguição que havia contra os trabalhadores, os sindicato. E aí, o quê que acontece? Esse Coronel Alberto, que era o primeiro suplente da diretoria na época, eles aprontaram para, armaram para cima dele. Quando ele chegou aqui, o Ministério do Trabalho cassou ele, que foi Onésimo Viana que cassou.

FERNANDA: Cassou o João Dalicio?

ANDRÉ: E colocaram o Alberto no lugar dele.

CAROLINE: E colocaram o Coronel Alberto no lugar do João Dalício?

ANDRÉ: Do João Dalício, isso mesmo. Você vai conversar com o João, o João vai colocar isso para você.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Aí, aí, a terceira vez, o que que aconteceu? O João ficou... Porque a pessoa ficava afastada, e eles ainda divulgavam o nome da pessoa, a pessoa acaba perseguida, ninguém dava trabalho para o rapaz.

CAROLINE: Ah, é?

ANDRÉ: Era assim, ué. Aí, para ele poder sobreviver, ele conseguiu arrumar um taxi e foi trabalhar de taxista em Belo Horizonte. Como eu já conhecia o João antes de eu ir para a FETAEMG, aí eu conversei com os companheiros da diretoria, eu falei: “Vamos trazer o João para cá, um cara experiente, vai nos ajudar muito”. Porque na época eu estava montando uma equipe para trabalhar no Estado inteiro, porque os trabalhador era muito desorganizado, não tinha organização nenhuma, e não tinha consciência também, então a gente queria organizar os trabalhadores, dar uma consciência política para os trabalhadores, dar uma consciência de organização, dar uma consciência de luta para que os trabalhadores aprendessem a lutar. E aí, na época, nós contratamos mais ou menos em torno de umas 40 pessoas para trabalhar dentro do Estado de Minas, nós fomos buscar aquelas pessoas que tinha experiência no movimento, pessoal ligado à Pastoral da Terra, pessoas que tinham sido sindicalistas, tinham sido cassadas em 64, e o João Dalício foi um desses.

FERNANDA: Entendi.

ANDRÉ: Porque o movimento sindical, em 1964 existia só 5 sindicatos em Minas Gerais, e a Federação também já havia sido criada, então o Golpe Militar fechou a Federação e fechou os 5 sindicatos na época, aí só recomeçou em 68. Então, a história de João Dalício, ela vem daí.

FERNANDA: Entendi. Ô, Senhor André, e além do, dessas questões que o senhor contou para a gente e que foi, enriqueceu muito esse nosso registro, e o senhor mencionou o nome do Doutor Brina, parece que tinha um médico também, que depois vocês descobriram que era infiltrado, um que trabalhava no ambulatório?

ANDRÉ: Então, eu tentei de todas as formas, durante esses dias, lembrar o nome, lembrar o nome desse coronel... Ele era... Fazia parte do Exército na época, que era o General Bandeira, que era do 4º Exército aqui, em Belo Horizonte, e ele era médico, e ele trabalhava dentro do ambulatório da FETAEMG, que a FETAEMG, conforme eu te falei que no início à FETAEMG, ela só, ela não organizava os trabalhadores, ela trazia o trabalhador para dentro do sindicato através do assistencialismo, então a FETAEMG tinha criado, também em Belo Horizonte, um ambulatório que chamava Ambulatório União 13, e esse médico do Exército, ele trabalhava dentro do ambulatório da FETAEMG.

FERNANDA: Entendi.

ANDRÉ: Só que eu, assim, o João Dalício, ele vai, se ocê lembrar de perguntar ele, ele vai saber o nome desse senhor.

CAROLINE: Vou perguntar.

FERNANDA: E aí, depois, vocês chegaram à conclusão que ele era infiltrado também, que ele passava informações?

ANDRÉ: Tanto que ele era infiltrado que eu mandei embora.

FERNANDA: Uhum.

ANDRÉ: Eu descobri e mandei embora. Eu mandei embora. Na cassação desse João Batista, que eu te falei que precisou do Ministério do Trabalho para autorizar, porque esse médico, através do comando do 4º Exército, estava dando proteção para esse senhor dentro da FETAEMG.

CAROLINE: Uhum, entendi.

ANDRÉ: Entendeu? Só não lembro mais o nome dele.

FERNANDA: E aí a perseguição contra o senhor aumentou nesse período, depois dessas ações de demitir...

ANDRÉ: O que que aconteceu?

FERNANDA: É, eu queria saber se a, se a perseguição ao senhor, o monitoramento das suas atividades aumentou depois que o senhor tomou essas decisões, de tirar essas pessoas, quando o senhor começou...

ANDRÉ: Aumentou, nesse sentido que eu te falo, de tá sempre do meu lado, observando tudo que eu ia fazer, só faltava entrar no banheiro. Agora, violência física, graças a Deus, não, nunca, graças a Deus nunca tive, sabe? Apenas uma vez, esse João aí, que tentou me matar, ele mais 4 pessoas que fazia parte do grupo dele, mas foi de carro e, graças a Deus, ele é que tombou o carro, ali perto da Santa Casa, ali, no monumento que tinha ali, quase morreu todo mundo e eu graças a Deus escapei. Foi apenas um comentário particular, não tem nada a ver.

FERNANDA: Foi quando isso?

CAROLINE: Não, mas tem a ver, sim. Como que aconteceu isso?

ANDRÉ: Como que aconteceu?

CAROLINE: É.

ANDRÉ: Foi quando eu descobri quem tava dando proteção para esse João Batista, que era o ministro do trabalho, era o Onésimo Viana, era o 4º Exército através desse médico aí, sabe, que era o coronel, e eu tinha um dossiê, que eu já tinha conseguido montar, e eu tive a coragem de ir até o Ministério do Trabalho, lá no Onésimo Viana, discutir com ele e levei esse dossiê para provar para o Onésimo quem que era que estava praticando corrupção lá na Federação, e quem que tava dando apoio. Aí, quando eles descobriram que eu tinha ido ao Ministério do Trabalho, eles foram atrás de mim para me interceptar. Aí, ali eles sofreram um acidente e não conseguiram chegar.

FERNANDA: Entendi.

CAROLINE: E aí...

ANDRÉ: Aí que eu cheguei lá e conversei com o Professor Onésimo Viana, expliquei a situação tudo para ele, apesar da dureza dele, e falei: “Olha, eu quero fazer assembleia, vou fazer, e ocê, eu vou até o ministro e o ministro vai autorizar a assembleia”, aí levou uns 3 a 4 meses para conseguir, mas nós conseguimos.

FERNANDA: E o senhor disse que eles foram de carro, ele e mais outras pessoas, né. O senhor sabe quem tava com ele, com o João Batista, atrás do senhor, esse dia, para interceptar o senhor?

ANDRÉ: Você pode repetir?

FERNANDA: O senhor mencionou que o João Batista não tava sozinho no carro, que ele foi atrás do senhor, para interceptar o senhor, junto com outras pessoas, e o senhor sabe com quem ele tava, quem que tava dando apoio para ele?

ANDRÉ: Ele tava com as duas mulheres que estavam ajudando ele a praticar corrupção, que uma chamava Doutora Lêda e a irmã dela chamava Ieda, e tava também com um advogado, que

fazia parte do grupo e dava proteção também para ele, esse advogado eu não recordo o nome também hoje.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Entendido?

FERNANDA: E aí eles sofreram acidente?

ANDRÉ: E sofreram acidente.

FERNANDA: Entendi. Em Belo Horizonte?

ANDRÉ: Em Belo Horizonte.

CAROLINE: Entendi. Montalvão, você mencionou que fez a contratação de mais 40 pessoas, né, para estruturar a FETAEMG nas regiões de Minas Gerais. Cê pode contar mais sobre isso? Por que que vocês fizeram isso... Era...

ANDRÉ: Porque que nós fizemos isso é o seguinte, porque as... É porque os trabalhadores eram totalmente desorganizados, o sindicato que existia na época, tinha 78 sindicatos quando eu cheguei lá, tinha 78 sindicato, e o sindicato, como era assistencialista, eles não organizavam os trabalhadores, era, era conhecido, em Minas Gerais, como sindicato pelego na época. E a FETAEMG também tinha uma história muito ruim, inclusive junto dos outros sindicatos existentes em Belo Horizonte, em Minas Gerais, de outras categorias, por causa do comportamento ruim da FETAEMG, e a gente tinha que mudar essa história, e para mudar essa história, cê tinha que mudar através dos trabalhadores. A primeira coisa era conscientizar os trabalhadores, que se não conscientizasse os trabalhadores, cê não conseguia mudar a direção sindical. Entendeu?

CAROLINE: Entendi, e você fez...

ANDRÉ: Eu tô falando muito alto?

CAROLINE: Não, tá certíssimo. Então vocês fizeram a contratação de assessores sindicais e jurídicos?

ANDRÉ: Para isso. Para poder... Isso, para poder organizar os trabalhadores, e aí nós criamos os chamados pontos sindical, né, porque aí eu consegui, na época, junto com a diretoria da época, nós conseguimos fundar os chamados polos sindical, que estão espalhados hoje em Minas Gerais inteira, nós temos em todos os lugares.

CAROLINE: Isso. E alguma mobilização em relação aos conflitos de terra também?

ANDRÉ: Então, nasceu, a ideia nasceu exatamente por isso, porque... Os trabalhadores na região do Norte de Minas, do Vale do Jequitinhonha, estavam sendo dizimados. Em 79, o governo militar, ele deu incentivo fiscal para plantação de eucalipto das empresas, e como as terras eram devolutas em Minas Gerais, os posseiros não tinham escritura de terra, então as

empresas de reflorestamento, eles foram expulsando os trabalhadores, queimando casa e foram destruindo tudo no Norte de Minas. Tanto que Montes Claros, a cidade se agigantou através da expulsão dos trabalhadores do campo, e a única forma que nós achamos de barrar isso foi criando o sindicato e organizando os trabalhador para resistir, entendeu?

CAROLINE: Entendi, uhum.

ANDRÉ: Aí, nós fizemos o seguinte, na área que tinha mais assalariado e agricultura familiar, como no caso do Sul de Minas, daonde eu sou, e eu estou agora, nós trouxemos trabalhadores para trabalhar na FETAEMG que tinha mais conhecimento dessa área. No Norte de Minas, pessoas que já eram mais na defesa da reforma agrária e na defesa da luta dos trabalhadores. Aí, no caso, nós contratamos mais foi gente ligada à Pastoral da Terra, porque a Pastoral, ela já tinha uma história de defesa dos trabalhadores nessas áreas de conflito, entendeu?

CAROLINE: Uhum. Então de acordo com a região vocês definiam o perfil do assessor sindical jurídico.

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: No Norte de Minas conflito de terra, Sul de Minas mais questões trabalhistas, né?

ANDRÉ: Isso.

FERNANDA: E na Zona da... Na Zona da Mata, como é que era o perfil?

ANDRÉ: E esse que foi o grande salto que a FETAEMG deu. Ah! E o perfil desses trabalhadores, seguinte, a gente tinha uns que tinham formatura, tinha curso superior, mas a gente pegava até pessoas que não, que tinham 4º ano primário, mas que tinha participado do movimento sindical e que sabia organizar os trabalhadores e que tinha capacidade mútua, porque para mudar cê tinha que ter pessoas que realmente tivessem coragem de enfrentar, e enfrentar luta organizada na época não era fácil por causa da Ditadura, então o perfil que a gente escolhia era esse.

FERNANDA: Entendi. Mas nas outras regiões do Estado, que eu tava querendo saber assim, que tipo de conflito, que tipo de problemas eram maiores, por exemplo, na região central, na região da Zona da Mata Mineira e tudo, que não eram...

ANDRÉ: A Zona da Mata foi uma das região que foi organizada por último, certo? Mas a Zona da Mata, o problema maior era de assalariado, né, no caso de cana e agricultura familiar. No caso do Sul de Minas também, agricultura familiar. E outra coisa, naquela época, até no início dos anos 80, trabalhador assalariado era uma dificuldade imensa, porque os trabalhadores trabalhavam até o fim da vida, eram mandado embora, os direitos trabalhistas não eram reconhecidos, não existia justiça do trabalho, só tinha justiça comum, e a justiça comum para julgar um processo do

trabalhador levava 10 anos, o trabalhador não tinha cidadania, o trabalhador para poder entrar com ação na justiça, ele tinha que ter um atestado de pobreza. Então foram essas dificuldade.

FERNANDA: Entendi.

ANDRÉ: (Trecho incompreensível) meu compromisso, que já passou da hora. Se a gente pudesse continuar outra hora.

CAROLINE: Sim, eu posso te ligar por volta das 14h00min?

ANDRÉ: Eu ainda quero relatar procês o dia que o Luciano foi na FETAEMG para me matar.

CAROLINE: Sim, o Antônio Luciano, né?

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: Então, Montalvão, eu posso te ligar por volta das 14h30min, 14h00min?

ANDRÉ: Pode sim, uai. Se ocê não conseguir também, pode ser amanhã, no horário que nós tinha combinado.

CAROLINE: Sim.

ANDRÉ: Mas eu vô tá em casa lá pelas 14h00min.

CAROLINE: Eu vou te ligar então, a gente tenta.

FERNANDA: E aí o senhor podia falar um pouquinho também da greve de Passos, né.

ANDRÉ: Ah, sim, vamos falar.

CAROLINE: E da usina da Gurgel, que o Rômulo contou.

ANDRÉ: Eu não sei, se eu não tiver sendo chato, para mim tá tudo bem.

CAROLINE: Não, está sendo ótimo, ótimo mesmo. Muito obrigada.

ANDRÉ: Eu falo assim, porque a gente tá indo e voltando, né, mas depois cês organiza, né?

CAROLINE: Não, isso tá ajudando muito, Montalvão. Muito obrigada, viu.

ANDRÉ: Tá bom. Então fica assim, viu.

CAROLINE: Tá, muito obrigada, viu. Tchau!

FERNANDA: Combinado, até mais tarde.